



METODOLOGIA PARA CARACTERIZAR UM JARDIM HISTÓRICO PÚBLICO: O QUE É IMPORTANTE DOCUMENTAR?

METHODOLOGY FOR CHARACTERIZING A PUBLIC HISTORICAL GARDEN: WHAT IS IMPORTANT TO DOCUMENT?

DAMETTO, Ana Paula de Andrea¹,
FARIA, Ana Paula Neto de²,
VIEIRA, Sidney Gonçalves³,

Resumo

Os Jardins Históricos públicos brasileiros, como praças ajardinadas e parques de centros urbanos, são lugares muito utilizados por diferentes grupos sociais. São paisagens vivas que sofrem pela falta de manutenção e conservação, e por intervenções paisagísticas nem sempre adequadas à preservação integral desses bens culturais. A necessidade de compreensão mais abrangente, conduziu a investigação para o desenvolvimento e concepção de uma metodologia de caracterização que considera os aspectos materiais e imateriais de um jardim histórico público. O presente artigo apresenta os fundamentos teóricos e metodológicos e um resumo do que é importante documentar em um Jardim histórico público a partir da ideia estruturante do espírito do lugar.

Palavras-chave: jardim histórico público; metodologia para caracterização; espírito do lugar; documentação do patrimônio paisagístico.

Abstract

Brazilian public Historic Gardens, such as garden squares and parks in urban centers, are places widely used by different social groups. They are living landscapes that suffer from the lack of maintenance and conservation, and from landscape interventions that are not always adequate for the integral preservation of these cultural assets. The need for a more comprehensive understanding led the research to the development and design of a characterization methodology that considers the material and immaterial aspects of a public historic garden. This article presents the theoretical and methodological foundations and a summary of what is important to document in a public historical garden from the structuring idea of the spirit of the place.

Keywords: public historic garden; methodology for characterization; spirit of the place; documentation of landscape heritage.

¹ Universidade Federal de Pelotas, 0000-0001-9821-8304, anapaula.andreadametto@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas, 0000-0001-6221-6032, apnfaria@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas, 0000-0002-4817-1680, sid.geo@gmail.com

1 Introdução

Este artigo apresenta uma metodologia que tem como objetivo caracterizar jardins históricos a partir da ideia de “espírito do lugar”. A materialidade e imaterialidade do bem cultural são compreendidas como camadas a investigar que constituem o todo do jardim histórico. A fenomenologia do lugar, documentos doutrinários e exemplos de métodos de documentação utilizados no campo do patrimônio cultural auxiliaram a identificar o que deve ser observado em um bem cultural como uma praça ajardinada ou um parque. O objetivo desta abordagem foi contribuir nas etapas iniciais do processo do projeto de recuperação de jardins históricos onde é necessário documentar o bem cultural na sua integralidade para definir ações de preservação, de projeto e de gestão adequadas à realidade de cada caso.

2 Fundamentos teórico-metodológicos

2.1 O “*espírito do lugar*” enquanto ideia estruturante à caracterização e documentação de um jardim histórico

Em uma época em que a influência do homem sobre a terra extrapola os limites do equilíbrio entre o ambiente natural e a cultura humana, as consequências negativas decorrentes das transformações antrópicas aumentam a necessidade de formas de preservação menos ortodoxas. O conceito de patrimônio na contemporaneidade está mais vinculado ao que ele representa na sua integralidade (aspectos materiais e imateriais), à memória coletiva, aos significados e aos valores sociais, ambientais, culturais e históricos. As coisas materiais que fazem parte da vida das pessoas são compreendidas como a estrutura que sustenta os aspectos imateriais, o habitar, o viver. A preservação fundamentada na ideia de “*espírito do lugar*” é uma alternativa mais flexível para o campo do patrimônio cultural na contemporaneidade. Os bens culturais de natureza paisagística, como os “jardins históricos” (ICOMOS, Charte de Florence, 1981), principalmente os públicos como praças e parques, têm um papel fundamental nos centros urbanos e necessitam de políticas de preservação mais adequadas ao cenário contemporâneo.

A intenção de utilizar o conceito do *espírito do lugar* como ideia estruturante torna pertinente a retomada desse conceito. “*Genius loci*” foi uma expressão utilizada nas civilizações antigas para manifestar a sensibilidade voltada a compreender o espírito dos lugares. Na Grécia antiga, o paciente e cuidadoso trabalho para adaptar e ocupar o território grego ao uso agrícola e para relacionar as construções às características da paisagem demonstrou entendimento do lugar e senso estético (Panzini, 2013, p.75). Na Roma antiga acreditava-se que todo “ser independente” (aqui entram pessoas e lugares) possuía um espírito guardião, um “*genius loci*”. Este espírito acompanhava os indivíduos e

lugares do nascimento até a morte determinando o caráter e a essência (Norberg-Schulz, 1980, p. 18). Uma compreensão mais contemporânea encontramos na Declaração de Quebec desenvolvida no âmbito do ICOMOS, documento doutrinário que contém definições e recomendações à preservação dos espíritos dos lugares. Esta declaração define o *espírito do lugar* como:

[...] os elementos **tangíveis** (edifícios, sítios, paisagens, rotas, objetos) e **intangíveis** (memórias, narrativas, documentos escritos, rituais, festas, saberes tradicionais, valores, texturas, cores, odores, etc.), ou seja, **os elementos físicos e espirituais que dão sentido, valor, emoção e mistério ao lugar**. (ICOMOS, *Declaration de Québec*, 2008, p.2, grifo nosso).

Para caracterizar um jardim histórico e compreender seus significados, constituição e “*espírito*” é necessário trazer à luz as camadas tangíveis (materiais) e intangíveis (imateriais) da sua existência. Jardins Históricos são espaços abertos ajardinados, composições arquitetônicas e vegetais que do ponto de vista da história e da arte possuem um interesse público. No entanto, em razão da sua principal matéria compositiva ser a vegetação, ele é um monumento perecível e renovável. Um jardim histórico é considerado um monumento vivo e a sua preservação deve considerar: o desenho e a topografia do jardim; a vegetação e as suas respectivas formas, volumes, texturas, cheiros, cores, alturas e espaçamentos; os elementos construídos; os elementos de decoração e revestimento; as características que envolvem o elemento água; o reflexo do céu. (ICOMOS, *Charte de Florence*, 1981, p.1)

Os jardins históricos públicos, como as praças e os parques, são bens culturais que possuem uma complexidade que envolve a coexistência de diferentes atmosferas. O ambiente se modifica em cada estação do ano, muda o clima e a aparência das espécies vegetais, assim como as formas de uso e a apropriação dos espaços por diversos grupos sociais. As praças por serem lugares de socialização por excelência acolhem festividades, feiras, ou seja, eventos que colaboram para essas alterações na paisagem. A natureza relacional e mutante do *espírito do lugar* de uma praça e um parque aponta para a necessidade de atenção contínua e equipes interdisciplinares para a efetiva preservação.

Nesse contexto, é necessário saber identificar o que é importante observar em um jardim histórico público. Ao identificar os elementos constitutivos fundamentais se torna mais fácil decidir como preservar. O processo de caracterização exige métodos de observação e formas de documentação e representação gráfica especiais. A compreensão de quais informações são relevantes direciona o processo de confecção dessa documentação. Este artigo abordará o conteúdo que deve estar presente e uma lógica para organização das informações. A estratégia metodológica apresentada é parte da tese em desenvolvimento que visa contribuir à área da metodologia do projeto de recuperação de jardins históricos, mais especificamente as ações iniciais de identificação e caracterização de jardins históricos públicos. Também é importante ressaltar que a

identificação desta demanda passa pela necessidade acadêmica, enquanto docentes envolvidos em disciplinas de projeto e planejamento paisagístico, em elaborar um método de trabalho adequado ao tema dos jardins históricos.

2.2 A fenomenologia do lugar de Norberg-Schulz como fundamento para a compreensão do “espaço” e do “caráter” de um jardim histórico público

Christian Norberg Schulz foi um arquiteto e teórico norueguês do século XX que produziu mais de 20 obras literárias no campo da arquitetura e urbanismo. A construção das suas bases conceituais teve influência do historiador suíço Siegfried Giedion (1888-1968), do arquiteto e urbanista italiano Bruno Zevi (1918-2000), do filósofo Martin Heidegger (1889-1976) e dos estudos de Jean Piaget (1896-1980). Seu pensamento demonstra que o ambiente construído pelo homem transcende os aspectos funcionais, que a significação e o propósito da arquitetura é permitir que o homem possa “habitar”. Porém, “habitar” para ele significa mais que abrigar, significa promover uma base existencial que permita as funções básicas de orientação e identificação aos indivíduos. Esta base existencial é expressa pelas qualidades do **espaço** e seu **caráter** (Reis, Rev. Nufen, 2017, p. 111-113).

Para Norberg-Schulz todo lugar apresenta um “*genius loci*” (espírito do lugar), uma estrutura existencial que pode ser classificada pela “*paisagem*” e pelo “*assentamento*”. Esta estrutura é definida pelo “*espaço*” e pelo “*caráter*”, onde “*espaço*” indica uma organização tridimensional, uma certa extensão e um tipo de cercamento, enquanto “*caráter*” expressa a atmosfera do lugar a partir de suas qualidades particulares. Norberg-Schulz assevera que os planos que estruturam o ambiente construído (os planos de piso, os verticais e os de teto) e a paisagem (os planos do solo, horizonte e céu) devem ser percebidos como horizontes, fronteiras e enquadramentos. O “*caráter*” de um lugar é oriundo do significado do conjunto material e imaterial e transmite uma “*atmosfera*” a qual é expressa na paisagem. Essa “*atmosfera*” reúne atributos, arranjos e condições físicas e sociais para os indivíduos que habitam o lugar. O “*espaço*” é compreendido como mais que uma entidade geométrica, ele reúne as dimensões da existência humana. Sendo assim, ele pode ser visto como um “*espaço existencial*” e social que corresponde às interrelações entre os modos de vida dos indivíduos e o seu meio ambiente (Norberg-Schulz, 1980; Norberg Schulz *In*: Nesbitt, 2013)

Norberg-Schulz utiliza arquétipos de paisagens e de arquiteturas que auxiliam na compreensão do espaço e do caráter de um lugar. Para ele, existem três tipos principais de estruturas naturais e construídas pelo homem: a paisagem e a arquitetura Romântica; a paisagem e a arquitetura Cósmica; e a paisagem e a arquitetura Clássica. Estas estruturas raramente encontram-se na forma pura, elas indicam “tendências” que auxiliam a

compreender o “*espírito do lugar*” (Norberg-Schulz, 1980). A compreensão destes arquétipos auxilia a identificar aspectos essenciais a observar na paisagem e no lugar, como a estrutura espacial da paisagem, a morfologia, a arquitetura, suas simbologias e significados.

3 Estratégia metodológica para a compreensão do “*espaço*” e do “*caráter*” de um jardim histórico

A metodologia para caracterizar um jardim histórico é direcionada aos espaços livres de edificação, volta-se ao estudo do “*espaço*” e do “*caráter*” de uma praça, um parque ou um jardim associado a uma edificação de interesse cultural. No âmbito da arquitetura da paisagem, o processo de caracterização passa pelo entendimento das relações entre os elementos constitutivos da paisagem. O aspecto da estrutura espacial, da morfologia e a relação destes elementos com as dimensões que formam o lugar expressam uma atmosfera forjada pelos sistemas naturais e antrópicos. O “*espaço*” e o “*caráter*” do lugar de um jardim histórico dependerá da composição de variáveis que estão associadas às características e qualidades da paisagem e aos grupos sociais que usufruem desse *espaço*.

Nesse sentido, o “*espaço*” e o “*caráter*” do jardim histórico poderão variar: quanto à estrutura espacial, morfologia, ordenamento e composição dos elementos estruturantes (naturais e construídos), os quais estarão associados à uma situação geográfica, à uma estética e à uma poética; quanto ao caráter material e substancial dos elementos (propriedades das formas, volumetria, textura, cor, luz, estado de conservação, etc.); quanto aos aspectos funcionais do espaço, condições de conectividade, acessibilidade e legibilidade espacial; quanto à duração e permanência dos elementos na paisagem (tanto os móveis como os imóveis), períodos do dia, estações do ano, e a longo prazo um conjunto de anos, como décadas e séculos (camadas temporais); quanto aos processos e sistemas naturais e ecológicos; quanto aos processos e sistemas antrópicos; quanto aos grupos que usufruem e agem sobre o lugar (etnia, situação social, práticas culturais, tradições religiosas e sociais, faixa etária, sistemas perceptuais).

Propõe-se compreender um jardim histórico a partir da ideia de “*espírito do lugar*” (Figura 1) que agrupa diferentes camadas que concorrem à formação do “*espaço existencial*” e que proporciona “*atmosfera*” ao lugar (Norberg-Schulz, 1980). Sugere-se uma distinção inicial geral de duas camadas: a **camada tangível** que está na dimensão da materialidade, que se apresenta imóvel por um determinado período de tempo, e que se manifesta na paisagem através dos elementos e sistemas naturais e antrópicos; e a **camada intangível** que é oriunda do pensamento, da memória e que se encontra na dimensão imaterial do pensar e do fazer humanos, e nos elementos de identidade cultural

(cultura, tradições, crenças, saberes, etc.) e que fornece significado aos elementos que constituem a paisagem.

Figura 1: Elementos a considerar para a compreensão do “espaço” e do “caráter” de um Jardim histórico.

Estratégia metodológica para caracterizar um JARDIM HISTÓRICO fundamentada na ideia de “<i>espírito do lugar</i>”	
camada tangível dimensão material elementos construídos e naturais aspectos físicos - região, paisagem, lugar estrutura espacial, morfologia, estética funcionalidade, legibilidade camadas históricas e estado de conservação ambiência, acessibilidade	camada intangível dimensão imaterial texturas, cores, odores, sons, memórias, narrativas contexto social, cultural e econômico do lugar modos de fazer, fundamento filosófico, poética usos, apropriação, elementos de referência história do lugar, signos, significados, valores afetos, acolhimento, exclusão

Fonte: Autores, 2024.

3.1 As camadas tangível e intangível expressas na paisagem

A camada tangível, que se faz presente por um determinado período, manifesta-se nos elementos estruturantes do lugar, construídos e naturais, que compõem os planos da paisagem (planos de pisos, verticais e de teto). Os elementos estruturantes têm como base o espaço prévio da paisagem natural, os sistemas naturais e antrópicos. Uma paisagem poderá apresentar distintas camadas históricas e temporalidades. A paisagem idealizada e transformada apresenta uma organização espacial oriunda de uma poética e expressa por uma estrutura espacial, uma morfologia, uma estética. A poética está associada à camada imaterial, pois está no nível do pensamento, possui natureza operativa, são as ações e escolhas realizadas para atingir uma determinada estética (Almeida, 2012, p.17). O caráter ambiental e a substância material do jardim manifestam-se através da estética (efeito da poética, expressão dos valores e gostos através da obra), da organização funcional e da maneira como esses lugares são compreendidos e apropriados pelos indivíduos.

A camada intangível é oriunda do pensamento, da memória e se encontra na imaterialidade do saber e fazer humanos, Por um lado pode ser compreendida através das intenções e operações projetuais (poética espacial do espaço concebido) que geraram e transformaram o *espaço* e o *caráter* do lugar; por outro lado, a imaterialidade também se revela através dos discursos e percepções dos habitantes e usuários que interpretam o lugar a partir de experiências e vivências no próprio espaço (espaço percebido). A maneira como as pessoas se apropriam dos ambientes que compõem o jardim histórico revelam suas preferências e modos de usar (espaço vivido). O espaço social (Lefebvre, 2013)

manifesta-se através da compreensão das dimensões do próprio espaço (concebido, percebido e vivido) e que podem ser desvendadas através de uma leitura semiótica da paisagem (Pierce, 1997; Santaella, 2002), signos e linguagem expressos na representação do espaço, nas práticas espaciais e nos espaços de representação de grupos e indivíduos.

A análise para desvendar o espírito (ou espíritos) do lugar deve ser feita conjuntamente com a observação do contexto urbano no qual o jardim histórico está inserido. Alguns métodos e processos convencionais são utilizados para desvendar e trazer à luz aspectos da materialidade do lugar. Os levantamentos são ações investigativas e de identificação dos elementos constitutivos do lugar visando determinado objetivo e gerando um tipo de documentação. Os levantamentos são realizados em distintas escalas, podem ser complementares e apresentarem diferentes níveis de aprofundamento. Na área do patrimônio cultural alguns levantamentos são chamados de inventários e apresentam um rol de informações com o objetivo de caracterizar e documentar um bem cultural. Podem ser feitos de maneira direta e/ou indireta, por exemplo: visitas a campo e pesquisas em fontes primárias são formas diretas de coletar informações sobre o lugar; investigações através de websites, em trabalhos acadêmicos e científicos, e através de entrevistas a especialistas são maneiras indiretas de coletar informações sobre o lugar. A escolha do meio dependerá do objetivo do levantamento.

A camada imaterial do jardim histórico emerge através dos significados que as pessoas fornecem ao lugar. Ela está principalmente no âmbito do pensamento, do julgamento e valoração, da memória, do saber e do fazer humanos. Manifesta-se através das atitudes e comportamentos frente ao lugar (Tuan, 1980), e através das tradições e das práticas sociais e culturais exercidas no espaço do jardim histórico. Para documentar a imaterialidade torna-se importante realizar visitas a campo para observar como os usuários e habitantes se relacionam com o espaço. O uso de abordagem colaborativa, que inclui habitantes e usuários como o Método *Walkthrough* (Rheingantz et.al., 2009), e de investigação e observação individual atenta como o Método do Diário (Gehl; Svarre, 2018, p. 97), fornecem informações importantes a respeito do lugar.

A partir da percepção do que acontece no lugar pode ser verificada a maneira como as pessoas usufruem as ambiências do jardim, os lugares bons para estar e se sentar, para brincar, para contemplar a natureza, os arranjos botânicos, eixos e visuais a preservar, a relação das pessoas com as obras de arte, sensações e microclima, percepção de odores, som dos pássaros, interação com a fauna e a flora, uma infinidade de aspectos e suas relações. Também é importante documentar as feiras e os eventos que ocorrem no jardim histórico ao longo do ano, tanto para reconhecer a importância social e cultural do lugar como para identificar aspectos que devem ser ajustados e melhorados em relação a capacidade e compatibilidade da estrutura física do lugar com esses eventos. Outras

maneiras de trazer a luz a camada imaterial é realizar atividades em grupo no local como caminhadas com atividades fotográficas, como Método *Walkthrough* (Rheingantz et.al., 2009, p. 23) e entrevistas com pessoas que viveram e usufruíram o lugar em épocas passadas e que utilizam o jardim histórico no presente.

Ao investigar métodos internacionais de inventários voltados à caracterização de jardins históricos notou-se algumas semelhanças. O “*Institut Europeen des Jardins et Paysages*”¹ e o Inventário dos Jardins Históricos de Portugal², embora tenham tido objetivos gerais diferentes, propõem de maneira semelhante uma caracterização preliminar para jardins históricos. Os termos aqui empregados não são exatamente os mesmos que estão presentes nestes dois métodos, no entanto procurou-se traduzir as semelhanças no conteúdo das fichas dos inventários da seguinte maneira: Dados gerais de identificação (nome do jardim, endereço, latitude e longitude; situação, localização, acessibilidade, reconhecimento patrimonial); Reconhecimento do entorno e do contexto do jardim histórico (tecido urbano do entorno, edificações da envoltória, etc.); História do jardim (autoria dos projetos e intervenções – cronologia, iconografia); Tipologia e Descrição do jardim (estrutura espacial, composição e morfologia - planos da paisagem/ influências estilísticas e estética); Elementos construídos do jardim; Elementos decorativos e mobiliário do jardim; Vegetação e espécies notáveis (levantamento florístico); Estado de conservação do Jardim Histórico.

No Brasil, o “Inventário dos Jardins de Burle Marx no Recife” propõe a seguinte metodologia de caracterização: pesquisa histórico-documental; inventário florístico histórico e atual; reconhecimento dos componentes físicos; comparação entre os componentes atuais e os de períodos anteriores (camadas temporais) e comparação entre a composição da vegetação atual e a que foi proposta inicialmente por Burle Marx. O objetivo desse Inventário foi a preservação da memória da paisagem a partir da compreensão e conservação das ideias projetuais e compositivas do arquiteto paisagista em relação ao ambiente do jardim. Segundo os pesquisadores, foi um instrumento de investigação que objetivou realizar um amplo levantamento documental e físico, uma análise histórica, um estudo sobre a botânica e sobre os aspectos sociais relacionados ao jardim. Teve como referências outros inventários realizados por outros pesquisadores do México e da Argentina, como o trabalho do Arquiteto Saúl Alcantara Onofre chamado “*Propuesta de inventario y catalogo de paisajes culturales y*

¹ O Instituto Europeu de jardins e Paisagens é um centro de documentação e de encontro de especialistas e entusiastas em jardins históricos criado em 2013 e localizado no *Château de Bénouville*, na França. Possui uma proposta de trabalho colaborativa, por voluntariado, para levantar a campo informações sobre jardins. No seu site disponibiliza uma ficha pré-inventário e um manual do voluntário que fornecem um método de trabalho para documentar jardins. Disponível em: <https://europeangardens.eu/qui-sommes-nous/presentation-de-liejp/>

² O Inventário dos Jardins Históricos de Portugal foi realizado no contexto de um Programa de fomento ao Turismo em Portugal, chamado VALORIZAR, em 2017. Através da AJH (Associação Portuguesa dos Jardins Históricos) foi realizado um inventário de jardins históricos com intuito de conceber rotas turísticas no interior de Portugal. Foi desenvolvida uma metodologia para esta documentação que está disponível no site da AJH. Disponível em: <https://www.jardinshistoricos.pt/page/inventory>

jardines históricos em México” de 2004, e o trabalho da historiadora Sonia Berjman chamado *“Inventario de espacios verdes de Buenos Aires: bases conceptuales e ficha modelo”* de 1997(Carneiro; Silva, 2017).

Outra referência brasileira é o relato da forma de cadastramento desenvolvida especialmente para Jardins Históricos, no âmbito do Depam e do Iphan (Mongelli; Schlee, 2014). Foi desenvolvido e adaptado ao SICG (Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão) e utilizou a Carta de Florença (ICOMOS, 1981) e a Carta de Juiz de Fora ou Carta dos Jardins Históricos Brasileiros (IPHAN, 2010) como referências para definir o que considerar como bem cultural de natureza paisagística. Foram classificados dois tipos principais de bens paisagísticos segundo as referências estudadas: a “Paisagem” e o “Jardim Histórico”. No sistema proposto há um roteiro a ser preenchido que contempla alguns itens como: Identificação; Delimitação do Jardim Histórico (documentos para a caracterização visual do bem e informações oriundas de pesquisa histórica e documental). Nesse sistema (SICG) também é identificada a linha projetual e período histórico que influenciou a concepção do Jardim Histórico (vernacular, romântica, clássica, moderna ou contemporânea) e a função a que se destina. Há um campo para autoria dos projetos e intervenções e para inserir os documentos gráficos. O sistema prevê campos parametrizáveis para os elementos construídos do jardim (permite identificar as quantidades de cada elemento) e o estado de conservação. Depois a identificação da vegetação; identificação dos usos e formas de apropriação, e uma descrição do que impacta negativamente a estrutura do jardim. A sua relação com o entorno também pode ser descrita (Mongelli; Schlee, 2014).

Observa-se que a documentação da camada material de um jardim histórico exige uma estratégia de organização pois são muitos aspectos e elementos a considerar e documentar. Escalas de observação poderão auxiliar na organização e na compreensão das relações entre o todo e suas partes, permitindo um entendimento interescolar que auxilia no processo do projeto e nas ações voltadas à gestão do jardim histórico.

3.2 Escalas de observação à caracterização de um jardim histórico

A metodologia de caracterização de jardins históricos em desenvolvimento visa contribuir com os trabalhos iniciais de reconhecimento do lugar. Um levantamento físico de um jardim histórico urbano, como um parque ou uma praça, deverá reunir informações aprofundadas sobre as características do espaço geográfico, da paisagem e principalmente do lugar que é o objeto de estudo e documentação. Diferentes escalas de observação ajudam a compreender as relações do jardim histórico com o seu contexto. Propõem-se três escalas de observação:

E01 - Levantamento do contexto urbano do jardim histórico: identificação geral e enquadramento cartográfico; aspectos históricos e culturais da cidade; tipo de assentamento e características morfológicas da paisagem e dos sistemas naturais; situação e localização do jardim histórico no tecido urbano da cidade.

E02 - Levantamento das características da envoltória do jardim: aspectos históricos, culturais, sociais e ambientais relacionados ao entorno do bem cultural; recintos urbanos adjacentes, tipos de quadras e caráter das edificações; lugares de referência social e cultural; infraestrutura urbana, acessibilidade, mobilidade, mobiliário e equipamentos urbanos.

E03 - Levantamento do próprio jardim: informações históricas através de documentos escritos, fotografias e imagens com intuito de desvendar as transformações do jardim através do tempo; análise da estrutura espacial e dos aspectos compositivos e morfológicos do jardim no presente; investigação mais aprofundada dos elementos naturais e construídos que compõem o jardim, verificação do estado de conservação dos componentes do jardim.

A Escala de Observação 1 (E01) investiga a paisagem e o lugar onde está situado o jardim histórico e procura revelar os aspectos históricos e formativos da cidade. Aspectos relacionados aos sistemas e estruturas naturais; a situação e localização do jardim no tecido urbano da cidade; aspectos históricos da formação da cidade e a origem do jardim histórico; camadas temporais e identificação de zonas urbanas mais antigas e mais novas. Os elementos tangíveis que constituem cidades e conjuntos históricos de maneira geral são: a estrutura urbana (tecido), os vestígios arqueológicos, as edificações isoladas ou em conjuntos tombadas e de interesse cultural, os panoramas, as linhas do horizonte, corredores visuais e os locais de referência. Também são muito importantes nesta escala de observação a definição da “área urbana protegida e da zona de proteção” (ICOMOS, Principes de la Vallette, 2011).

A Escala de Observação 2 (E02) investiga as características da envoltória do jardim histórico urbano. Dentre os aspectos a observar na paisagem destacam-se: a verificação da constituição morfológica dos lotes das quadras adjacentes ao jardim, a verificação da volumetria e texturas das faces das quadras do entorno (no alinhamento predial, com recuos, etc.); tipologias e estética das edificações; identificação dos tipos de recintos urbanos adjacentes; identificação da infraestrutura e caracterização das vias (tipo de via, pavimentação, calçadas, mobiliário e vegetação) e das condições de acessibilidade e visibilidade; identificação de panoramas e visuais urbanas esteticamente relevantes à salvaguarda das relações paisagísticas entre a envoltória e o jardim histórico público.

A Escala de Observação 3 (E03) investiga o jardim histórico público na sua interioridade. Esta escala objetiva desvendar a trajetória do jardim, suas permanências e transformações para compreender as camadas temporais presentes no lugar. Realizar

uma análise estética a partir da compreensão da poética e da estrutura espacial e morfológica do jardim histórico. Reconhecer os planos da paisagem e seus elementos constitutivos (construídos e naturais) os quais estruturam o espaço que se deseja preservar. Os elementos construídos e decorativos devem ser identificados, documentados e analisados no contexto do conjunto. É muito importante um reconhecimento mais aprofundado da vegetação através de um levantamento florístico com a identificação das famílias botânicas, espécies notáveis, além de observar o estado fitossanitário de maneira geral. É importante lembrar que a atmosfera que se deseja preservar em uma praça ou em um parque está geralmente associada aos elementos vegetais, principalmente com o extrato arbóreo.

4 Conclusão

A intenção deste artigo foi apresentar parte da investigação realizada na elaboração de uma metodologia voltada à caracterização de um jardim histórico. Os fundamentos apresentados e a estratégia metodológica contribuem na identificação do “espírito do lugar” de um jardim histórico. Em um tempo em que as transformações ambientais se mostram aceleradas é importante saber o que documentar para preservar pelo mínimo a essência material e imaterial que identifica um lugar e que remete à sua história, memória e aos valores sociais, culturais e ambientais que lhe são atribuídos.

5 Referências

- ALMEIDA, Lilian Borges. **Poética em arquitetura. O arquiteto e as tendências: a obra de Louis Kahn no século XX.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, p.312, 2012.
- GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. **A vida na cidade: como estudar.** São Paulo: Perspectiva, 2018.
- ICOMOS. Comité international des Jardins historiques ICOMOS-IFLA. **Jardins Historiques (Charte de Florence 1981).** Florence, Italie, 1981. Disponível em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/gardens_f.pdf
- ICOMOS. **Déclaration de Québec sur la sauvegarde de l'esprit du lieu.** Québec, Canada, 2008. Disponível em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_FR.pdf
- ICOMOS. XVII Assemblée Générale. **Principes de la Valette pour la sauvegarde et la gestion des villes et ensembles urbains historiques.** Paris, 2011. Disponível em: <https://civvih.icomos.org/valletta-principles-english-french/>
- Inventário dos Jardins de Burle Marx no Recife** [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Rita Sá Carneiro, Joelmir Marques da Silva. – Recife: Editora UFPE, 2017. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/164>

Inventário dos Jardins Históricos de Portugal - Objetivos, metodologia, critérios [recurso eletrônico] / organizadora: Teresa Andresen. Lisboa: AJH, 2020. Disponível em: <https://www.jardinshistoricos.pt/page/inventory>

INSTITUT EUROPEEN DES JARDINS ET PAYSAGES. **Fiche de pré-inventaire des jardins par Région**. Disponível em: <https://europeangardens.eu/qui-sommes-nous/presentation-de-liejp>

INSTITUT EUROPEEN DES JARDINS ET PAYSAGES. **Manuel du bénévole. Comment étudier l'histoire d'un parc ou d'un jardin. Méthode et ressources documentaires**. Disponível em: <https://europeangardens.eu/qui-sommes-nous/presentation-de-liejp>

IPHAN. **Carta dos Jardins Históricos Brasileiros, dita Carta de Juiz de Fora**. Minas Gerais, 2010. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli, 1980.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar (1976). In: NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965 -1995)**. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2ª ed., rev., 2013, p.443-461.

MONGELLI, Mônica de Medeiros; SCHLEE, Andrey Rosenthal. OS INVENTÁRIOS DE JARDINS HISTÓRICOS E A CONSTRUÇÃO DAS FICHAS DE CADASTRO COMPLEMENTAR PARA O SISTEMA INTEGRADO DE CONHECIMENTO E GESTÃO – SICG. **Identities território cultura patrimônio**. Janeiro de 2016, p. 330-351. DOI: 10.5821/identidades.8841. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343618594_Os_inventarios_de_jardins_historicos_e_a_construcao_das_fichas_de_cadastro_complementar_para_o_Sistema_Integrado_de_Conhecimento_e_Gestao_-_SICG/citation/download

PANZINI, Franco. **Projetar a natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea**. Tradução Letícia Andrade. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

PIERCE, Charles, Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

REIS, Elisabete Rodrigues dos. Lugar do Sentido. **Rev. NUFEN**, vol.9, nº2, p.109-123, 2017. ISSN 2175-2591. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v9n2/a08.pdf>

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; et al. **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira, 2002.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial S.A., 1980.